

Tradições biológicas em disputa na trajetória do curso de Ciências Biológicas da UFSM

Biological traditions in dispute in the trajectory of Biological Sciences course UFSM

Carla Vargas Pedroso

Universidade Federal Fluminense (UFF)
carlavp211@gmail.com

Sandra Lucia Escovedo Selles

Universidade Federal Fluminense (UFF)
escovedoselles@gmail.com

Resumo

O trabalho focaliza a trajetória histórica do curso de graduação da UFSM, no contexto em que ele muda de História Natural (HN) para Ciências Biológicas (CB). A investigação baseia-se na análise entrecruzada dos currículos do curso entre 1965 e 1973 com entrevistas com seis professores, dando destaque ao papel desempenhado pelo processo de unificação das Ciências Biológicas e a retórica que o sustentou. Verifica-se que o processo de mudança de HN para CB na UFSM não ocorreu apenas em torno da denominação, pois este foi um espaço de disputas e negociações entre distintas concepções de Biologia articuladas a diferentes forças sociohistóricas. Constatou-se também a atuação de forças de estabilidade e de mudança, tendo em vista que, por um lado, os currículos atenderam as exigências legais da época, assumindo a perspectiva de modernização da Biologia, por outro, não abandonaram as “velhas tradições” características da História Natural.

Palavras chave: história natural, ciências biológicas, ensino superior, UFSM.

Abstract

This paper discusses the historical trajectory of the Biological Sciences undergraduate course in the UFSM between 1965 and 1973, involving changes between Natural History and Biological Sciences. The research is based on a crossed analysis of curriculum documents and interviews with six university professors. The role played by the process of unifying the Biological Sciences and the rhetoric related to it in the course are discussed. The results show that the changes were not limited to the change in name of the course, but also involved disputes and negotiations among distinct conceptions of Biology. Both stability and change forces played a role in the trajectory of the course. On one hand, the curricula met legal requirements of the historical period, picturing a modern Biology. On the other hand, the process of becoming a Biological Sciences course did not erase the "old traditions" characteristics of the Natural History.

Key words: natural history, biological sciences, higher education, UFSM.

Tradições biológicas em disputa na trajetória do curso de Ciências Biológicas da UFSM

Introdução

O presente trabalho é parte de uma dissertação de mestrado concluída, que tem como objetivo geral compreender que concepções de Biologia estavam em disputa no processo em que o curso de História Natural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), é substituído pelo de Ciências Biológicas. Cronologicamente e em termos de denominação esta mudança ocorre no curso da UFSM no ano de 1972. Entretanto, partindo do pressuposto de que mudanças curriculares são um processo contínuo e gradual, e com base no entendimento de reforma de Popkewitz (1997) e Goodson (1997)¹, definiu-se o período de análise entre 1965, ano em que o curso é fundado com a denominação História Natural, e 1973, data em que ele já se intitula Ciências Biológicas, e a partir da qual existe material empírico.

Destaca-se que a opção por tratar a mudança de História Natural para Ciências Biológicas no ensino superior como objeto de estudo, decorre da relevância deste processo para entender os caminhos percorridos por esta ciência na educação brasileira, seja em termos da construção das disciplinas biológicas, seja por suas implicações na formação discente. Particularmente neste artigo, expandem-se as perspectivas da dissertação, à medida que, procura-se compreender a seguinte questão: que entrelaçamentos foram estabelecidos entre a retórica de unificação das Ciências Biológicas² e o currículo do curso da UFSM?

A pesquisa fundamenta-se teórica-metodologicamente nos estudos da História Nova (BOTO, 1994; LE GOFF, 1998) e da História do Currículo (GOODSON, 1997, 2001; POPKEWITZ, 1997), pois estes campos permitem olhar para o estudo de caso como uma construção sócio-histórica. Isto significa não se ater simplesmente à localização da trajetória do curso da UFSM na história geral da sociedade e do ensino superior, mas sim compreendê-la como uma parte da história, como uma realidade, que é edificada social e culturalmente e atravessada por diferentes demandas (BURKE, 1992). Por fim, lembra-se que o campo empírico da pesquisa foi constituído por fontes documentais escritas (matrizes curriculares, legislações, atas, relatórios de atividades...) e por depoimentos de seis ex-professores do curso³, dos quais alguns serão usados neste trabalho. Os documentos escritos foram coletados na UFSM e nos arquivos pessoais dos professores, já os depoimentos foram obtidos por meio de entrevistas. A análise destes materiais ocorreu de modo entrecruzado.

A trajetória sócio-histórica do curso de Ciências Biológicas da UFSM (1965-1973): da História Natural às Ciências Biológicas

¹ Estes autores defendem uma análise que considere as circunstâncias históricas nas quais a reforma emerge e as diferentes arenas que disputam espaço, recursos e território, e deste modo constituem a reforma.

² O movimento de unificação constituiu-se numa série de discussões para tornar a Biologia uma ciência autônoma, envolvendo a disseminação de retóricas que sustentasse a ideia unificadora. De acordo com Marandino, Selles e Ferreira (2009), defende-se que três eventos se sobressaíram e contribuíram para que as tensões pendessem a favor da ideia de unificação e autonomização das Ciências Biológicas. São eles: os esforços para obter o *status* que a Física já alcançara desde o século XVIII; a resignificação do darwinismo em bases genético-mendelianas; e a influência da Biologia Molecular no fortalecimento da Biologia como ciência.

³ Os professores foram identificados por letras (A a F). O Entrevistado A ministrava aulas de Ecologia; Entrevistado B era da área de Zoologia; Entrevistado C ministrava aulas de Botânica, Entrevistado D ministrou a disciplina de Mineralogia; Entrevistado E era docente da área de Biologia; e o Entrevistado F ministrava aulas de Química para o curso.

Quando o curso de Ciências Biológicas surgiu na UFSM, em 1965, intitulado História Natural, tinha por objetivo formar professores segundo os preceitos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL/UFSM), a qual estava vinculado.

Esta Faculdade, desde seu efetivo funcionamento a partir de 1965 (Lei n.3.958/61), sempre foi uma unidade “virtual” no corpo da UFSM, tendo em vista que usou recursos de Institutos providos de Faculdades pré-existentes à UFSM e da Faculdade Imaculada Conceição (FIC)⁴, mantida pelas Irmãs Franciscanas, em Santa Maria, desde 1955. A FIC auxiliou a FFCL com a concessão de infraestrutura de salas de aula e com pessoas envolvidas com sua gestão como, por exemplo, a diretora da FFCL que era a mesma da FIC, Irmã Consuelo. Já os Institutos da UFSM colaboraram com laboratórios para aulas práticas e principalmente com o corpo docente, pois as aulas das matérias básicas do curso de História Natural, isto é, as disciplinas relacionadas com o campo biológico, eram ministradas por professores de diversos Institutos dentro da própria Universidade: disciplinas da área de Biologia no Instituto de Histologia, Embriologia e Genética⁵; disciplinas da área de Botânica no Instituto de Ciências Naturais; disciplinas da área de Zoologia no Instituto de Parasitologia e Micologia; disciplinas da área Geológica no Instituto de Solos e Cultura.⁶

O vínculo dos primeiros professores com esses Institutos, aliado à contratação de novos professores de outras instituições e com diferentes formações⁷ fez com que o corpo docente inicial do curso fosse muito variado em termos de concepções de formação. A esse respeito, o Entrevistado B, aluno da primeira turma do curso e professor a partir de 1969, relata que na prática cotidiana visava-se “formar um naturalista com possibilidade tanto de ser um pesquisador, quanto de ser um professor. [...] se investiu em Ciências Biológicas, em Biologia, em Zoologia, em Genética.” De acordo com os entrevistados, o curso tinha o objetivo “oficial” de formar professores, porque estava vinculado a FFCL, contudo, relataram que procuravam ensinar algo sobre pesquisa científica, pois consideravam isso importante, dado o mercado de trabalho à época.

Entre 1968 e 1969, o curso de História Natural passa por outra organização, pois muitos professores dos diversos Institutos são transferidos para o Instituto de Ciências Naturais, que passa a se responsabilizar pela oferta de diversas disciplinas do curso, para além da área de Botânica. Mas é a partir da década de 1970, que o curso efetivamente ganha espaço na estrutura da UFSM, com a aprovação do segundo estatuto da instituição (UFSM, 1970). Este, baseado nas diretrizes da Reforma Universitária (1968), extinguiu os Institutos e Faculdades e criou os Centros de Ensino, que englobavam os cursos e departamentos. Na nova estruturação, o curso de História Natural passa a ser vinculado ao Centro de Estudos Básicos (CEB), e seus professores são transferidos dos diferentes Institutos para o novo Departamento de Biologia, vinculado ao CEB. Verifica-se que esse período foi crucial para uma crescente autonomia do corpo docente no que diz respeito às decisões sobre o futuro do curso, devido à centralização do corpo docente em um Departamento, a criação dos primeiros prédios do campus universitário, o que fez com que os espaços da FIC, assim como seus professores que administravam a FFCL fossem cada vez menos necessários, e também por causa da criação do CEB, que designa novos

⁴ A diferença entre a FIC e a FFCL consistia no fato de que a primeira tinha cursos de Didática, Orientação Educacional e Cursos Polivalentes de Letras e de Estudos Sociais, enquanto que a segunda ofertava cursos da área científica (Física, Química e História Natural). Em comum, estas Faculdades ofertavam os cursos de Filosofia, Pedagogia, Geografia, História, Matemática e Letras (Neolatinas e Anglo-Germânicas na FIC e Francês e Inglês na FFCL).

⁵ O Instituto de Histologia, Embriologia e Genética e o Instituto de Parasitologia e Micologia provêm da Faculdade de Medicina/UFSM, o Instituto de Ciências Naturais provêm da Faculdade de Farmácia/UFSM, e o Instituto de Solos e Cultura foi criado na Faculdade de Agronomia/UFSM. Estas faculdades antecederam à criação da UFSM.

⁶ As disciplinas complementares (Complementos de Química, Complementos de Matemática e Física, Filosofia da Religião e Realidade Brasileira) provêm de distintos Institutos e outras da FIC.

⁷ Na Botânica, predominou docentes providos da Faculdade de Farmácia/UFSM; a Biologia contou com docentes da Medicina/UFSM e da História Natural da PUC e da UFSM; a Zoologia inicia-se com docentes da Farmácia/UFSM e da Medicina Veterinária/UFRGS; já a Geologia contou com docentes da Geologia e da História Natural/UFRGS.

professores para o Conselho de Centro (não se mantém como anteriormente, isto é, semelhante ao Conselho da FFCL apenas com docentes da área de Humanas da FIC)⁸.

Com relação à matriz curricular, observa-se que esta surge em 1965 com base nos Pareceres CFE 292/62 e CFE 315/62, que estabeleciam, respectivamente, o currículo mínimo de História Natural, e a parte pedagógica dos currículos mínimos relativos aos cursos de Licenciatura. De acordo com estes pareceres, o curso de História Natural deveria ter a duração de 4 anos letivos, e os diplomados destinavam-se ao ensino das disciplinas de Ciências Físicas e Biológicas e Biologia. Consta ainda que este curso deveria estar organizado em 6 blocos de matérias: Biologia (Citologia, Histologia, Embriologia e Genética); Botânica (Morfologia, Fisiologia e Sistemática); Zoologia (Morfologia, Fisiologia e Sistemática); Mineralogia e Petrologia; Geologia e Paleontologia; Matérias Pedagógicas (Psicologia da Educação, Adolescência e Aprendizagem, Elementos da Administração Escolar, Didática, Prática de Ensino sob forma de Estágio Supervisionado).

Embora o Parecer n.315/62 sinalize que “cada Faculdade poderá fazer os desdobramentos e acréscimos que lhe parecer convenientes” (p.75), a primeira proposta de matriz curricular do curso da UFSM atendeu quase estritamente esse Parecer e o Parecer n.292/62, acrescida de quatro disciplinas complementares: Complementos de Química, Complementos de Física e de Matemática, Realidade Brasileira Moral e Cívica e Filosofia da Religião.

Constata-se que a maioria das áreas teve a carga horária ampliada entre 1965 e 1970, com exceção das disciplinas complementares, por causa de Complementos de Física e Matemática. A área de Geologia foi a que mais cresceu no curso neste período inicial, em parte pelas posições acadêmicas assumidas pelo Entrevistado D, que foi o primeiro professor contratado para a área, era formado em Geologia pela UFRGS, e assumiu a coordenação do curso de História Natural, em 1965.

Em 1970, o curso passou a ter outro currículo em virtude do Parecer n.107/70, do Conselho Federal de Educação (CFE). Este dispositivo legal estabelece a nova denominação do curso como Ciências Biológicas, prevê duas modalidades, a Licenciatura e o Bacharelado (este na modalidade Biomédica), e propõe modificações curriculares com relação ao Parecer n.315/62.

Ao focalizar o Parecer n.107/70 do CFE convém situar outros processos históricos que o antecederam. Desde 1963, quando é aprovada a solicitação da Universidade do Brasil sobre o desdobramento do curso de História Natural em curso de Biologia e curso de Geologia, várias discussões surgiram com relação à terminologia do curso e sua natureza. A solicitação tinha como justificativa a existência da profissão de geólogo⁹. para a qual exigia-se um curso específico. Cabe lembrar ainda que, na década de 1960, o movimento de unificação da área biológica já havia ganhado amplitude, portanto, o campo não comportava mais, apenas, disciplinas associadas à História Natural, à Fisiologia e à Anatomia Comparada, áreas de destaque nos cursos de História Natural. Conseqüentemente, o termo Ciências Biológicas foi cada vez mais apreciado, pois valorizava o desenvolvimento de modo integrado de certos ramos da Biologia, como a Genética, a Paleontologia, a Ecologia, a Citologia, dentre outros.

Acrescenta-se a estes fatores, a criação do curso de Ciências Biológicas, em 1964, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, uma instituição que já gozava de grande prestígio no cenário universitário nacional, com relevante papel na trajetória das Ciências Biológicas no Brasil¹⁰. Neste ano, a USP solicita a fixação do currículo

⁸ No período de existência da FFCL o conselho desta teve como diretora a Irmã Consuelo/FIC e a participação de 1 acadêmico e 7 professores, sendo que 5 eram chefes de Departamentos da área de humanas, e apenas 2 coordenadores de cursos da área científica. Já, o Conselho do CEB contou com os seguintes participantes: 1 diretor da área de Humanas; 1 acadêmico; 12 chefes de departamento; e 8 coordenadores de diferentes cursos de humanidades e científicos.

⁹ A categoria profissional de geólogo foi estabelecida pela Lei n.4.076/1962.

¹⁰ Ver MARINHO, Maria Gabriela. **Norte-americanos no Brasil: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952)**. Campinas/SP: Autores Associados/Universidade São Francisco, 2001.

mínimo do curso, “justificando a sua implantação, a partir da ‘necessidade de melhorar a formação dos docentes que ensinavam Ciências Físicas e Biológicas no ciclo ginásial e Biologia no ciclo colegial.’” (WORTMANN, 1996, p.86).

Com base nesse histórico, a Comissão Central de Revisão de Currículos do CFE aprova o Parecer n.107/70. Este dispositivo legal estabeleceu novos currículos mínimos que priorizavam o curso de Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharelado na modalidade médica devido a hegemonia dos conhecimentos e práticas médicas) e a Licenciatura Curta em Ciências (para atuação no 1º ciclo) em detrimento do de História Natural. Além disso, estipulou, tanto para a Licenciatura, quanto para o Bacharelado, que estes currículos fossem integralizados em, no mínimo, 2.700 horas, a serem ministradas num período de três a cinco anos.

Embora, o curso de História Natural fosse considerado ultrapassado com relação ao mercado de trabalho, nos termos do Parecer n.107/70, até 1972 a UFSM mantinha o nome do curso de História Natural, apenas realizando uma reformulação curricular em 1970. A matriz que vigorou a partir de 1970, por um lado, evidencia que o corpo docente já tinha conhecimento das discussões biológicas sobre a modernização da Biologia antes da aprovação do Parecer n.107/70, pois incorpora neste currículo disciplinas novas como Bio-Estatística, Ecologia, Evolução, Anatomia Humana, Fisiologia Humana, além de manter a disciplina de Química. Certamente, isso ocorre não só pela rede de sociabilidade mantida cotidianamente pelo corpo docente com as suas comunidades disciplinares (GOOSON, 1997; 2001), mas também por meio da realização do I Seminário sobre o Ensino de História Natural¹¹, onde estiveram presentes professores de outros estados do País. Por outro lado, a matriz curricular sinaliza certa resistência com relação às inovações, já que manteve bem elevada a carga horária da área geológica, e as áreas de Botânica e Zoologia, embora tenham sentido algum tipo de mudança, não foram modificadas a ponto de incorporar a perspectiva ecológica, como é proposto no Parecer.

Apenas em 1972, o curso de História Natural da UFSM é substituído pelo de Ciências Biológicas¹². Comparando a síntese da grade curricular do curso de História Natural (1965), com a grade do curso de Ciências Biológicas (1973), observam-se algumas mudanças e estabilidades. Especificadamente, a respeito desse processo de História Natural para Ciências Biológicas, na UFSM, as memórias dos entrevistados sinalizam como fatos mais significativos a expansão de determinados assuntos como a Genética, a Ecologia e a Evolução, a redução da área de Geologia, e reformulações nas disciplinas provindas das ações da Reforma Universitária (1968).

O documento curricular, de fato, evidencia que um dos pontos mais patentes da mudança é a queda drástica na carga horária da área geológica, de 760 para 240 horas. Essa redução ocorre pela perda das disciplinas de Mineralogia e Petrologia, e por uma grande redução de carga horária de Geologia Geral, Paleontologia e Biogeografia. Como consequência, a Geologia englobou alguns assuntos de Mineralogia e passou a funcionar no currículo como uma disciplina complementar e de suporte para a Paleontologia. Essa redução da carga horária geológica gerou um sentimento de perda na formação do profissional, especialmente, para os futuros botânicos e zoólogos, de acordo com os relatos dos entrevistados.

A área pedagógica foi mais uma que sofreu reduções, pois novamente perdeu carga horária nas disciplinas de Psicologia da Educação e Prática de Ensino, além de Estrutura e Funcionamento do Ensino de Segundo Grau. Contudo, considerando todo o período de 1965 a

¹¹ Este evento, realizado em 1969, foi realizado na UFSM para discutir a estruturação curricular do curso de História Natural e criar um currículo efetivo, tendo em vista que o currículo de 1965 era experimental. Segundo o Entrevistado E, este evento reuniu pessoas da UFSM, de Porto Alegre e de outros locais do país.

¹² Houve um período de concomitância entre os cursos, pois os alunos do curso de História Natural não foram transpostos para o novo curso. De 1972, quando houve a primeira oferta do curso de Ciências Biológicas no vestibular, até 1974, quando a última turma oficial de História Natural se forma, os cursos existiram concomitantemente.

1973, constata-se que não ocorreram mudanças significativas na área pedagógica, é perceptível certa estabilidade de suas disciplinas, com algumas reduções de carga horária.

Outras áreas que sofrem com redução de carga horária são a Botânica e a Zoologia. A primeira, com exceção da carga horária, continua com as mesmas características e subdivisões de conteúdos nas quatro disciplinas (Morfologia, Fisiologia, Sistemática I e II). Já a segunda retorna ao modelo de 1965, com quatro disciplinas de Zoologia, como no curso de História Natural. Destaca-se, porém, que o retorno ao modelo de quatro disciplinas gerou uma redistribuição dos conteúdos zoológicos¹³, diferente da proposta de 1965 (UFSM, 1978)¹⁴.

Para além de reduções, outras mudanças ocorreram na matriz curricular de 1973. Resumidamente, destacam-se Evolução e Ecologia na trajetória do curso, duas disciplinas bem representativas do processo de modernização das Ciências Biológicas, que surgiram em 1970 e ampliaram seus espaços no currículo de 1973. Também é evidente que Física, Química e Biologia foram áreas contempladas com mais espaço no curso de Ciências Biológicas, em comparação com a História Natural. A área de Biologia, além de ganhar carga horária, passou a organizar suas disciplinas de modo particular. Na matriz de 1973, a Histologia, Citologia, Embriologia, Fisiologia e Anatomia Humana estão aparentemente ausentes sob a forma de disciplinas. Isto porque elas são englobadas como conteúdos no âmbito de três disciplinas chamadas Unidades Curriculares¹⁵. A Química além de ser incorporada nas três Unidades Curriculares tem a disciplina de Complementos de Química, em termos de carga horária e conteúdos, praticamente constante de 1965 a 1973. A Física passa a ter duas disciplinas novas (Física Geral e Experimental I e II), além das já existentes ganharem mais espaço.

Os resultados mostram que as disciplinas são em si padrões de estabilidade e de mudança curricular (GOODSON, 1997, 2001). Isto é, “a estabilidade e a mudança nos currículos não são processos excludentes, mas ao contrário, em certos casos são exatamente as modificações geradas pela incorporação de certas inovações que colaboram para sua estabilidade” (FERREIRA, 2005, p.6).

Considerações Finais

Pode-se dizer que as primeiras concepções do que deveria se constituir o curso de História Natural/UFSM são construídas tendo como ponto de partida a vinculação deste à FFCL, e à organização desta unidade a partir de outras previamente consolidadas, a FIC e os Institutos. Considerando a inovação da FFCL, no que concerne à oferta de cursos científicos, e ao fato de a primeira matriz do curso de História Natural seguir, quase que integralmente, o estabelecido nas legislações da época, percebe-se que a origem deste curso teve como pano de fundo o atendimento à carência de professores formados em nível superior.

Os diferentes imperativos e condicionantes que atravessam a construção curricular do curso da UFSM evidenciam que a mudança de História Natural para Ciências Biológicas representa um

¹³ A título de exemplo, cita-se: Conteúdo sobre anelídeos e moluscos sai da disciplina Zoologia I e passa para a Zoologia II; Conteúdo de artrópodes passa de Zoologia II para Zoologia III.

¹⁴ Recorreu-se ao catálogo de matrizes de 1978, onde estão listadas as disciplinas e as ementas deste ano e dos anos anteriores. Assim, localizaram-se as disciplinas de 1973 por meio dos seus códigos e títulos.

¹⁵ As disciplinas Unidades Curriculares surgem no curso em virtude de um acordo firmado entre o Ministério da Educação e a UFSM, para que esta última implementasse um projeto chamado de Ensino Integrado. Esse projeto propunha a organização das disciplinas biológicas mediante um ensino que tinha como “uma de suas funções prioritárias promover uma formação básica para cursos afins [...]” (UFSM, 1974, p.43). Assim, as Unidades Curriculares (UC) integravam conteúdos biológicos com conteúdos de Física e de Química. Essas UC tinham a seguinte estruturação: UC I – Conteúdos que abordavam sobre “Estudo da célula e ciclo celular” (232h); UC II – Conteúdos que abordavam sobre “Estudo dos tecidos” (156h); UC III – Conteúdos que abordavam sobre “Estudo dos sistemas” (260h).

processo que não ocorre apenas em termos da denominação do curso, mas também pelas disputas e negociações entre distintas concepções de Biologia.

Esse processo de mudança corresponde ao que Goodson (2001) denomina arena social, pois tornou-se um espaço de disputa entre a tradição médica, a farmacêutica e a naturalista. De modo geral, é possível resumir essas disputas da seguinte forma: a tradição médica ampliou bastante seu território entre 1965 e 1973 especialmente por meio da área de Biologia, que ganha respaldo no Parecer n.107/70 e com a implantação do projeto de Ensino Integrado; a área de Botânica, pela procedência e pelo caráter endógeno do corpo docente da UFSM, garantiu a presença da tradição farmacêutica nas matrizes do curso; já a tradição naturalista disputou espaço por meio da área de Geologia, historicamente estabelecida, mas neste caso, fortalecida no currículo devido à entrada de professores formados em Geologia/UFRGS, e também devido à Zoologia, que embora tivesse seu corpo docente sob jurisdição do Instituto de Parasitologia e Micologia, não focou tanto em aspectos médicos/patológicos, e sim numa perspectiva analítica dos seres vivos.

Outro espaço de tensão ocorreu entre a tradição generalista, característica da História Natural, marcada por disciplinas que valorizam atividades voltadas à contemplação e descrição da natureza de um ponto de vista “holístico”, ou seja, baseada na articulação dos seres vivos com o ambiente, e a tradição especialista, base das Ciências Biológicas, que se preocupa em atender as especificidades de cada área biológica e, portanto, valoriza o fenômeno a ser estudado. A grande ênfase na realização de saídas de campo para observar as relações da natureza, assim como o enfoque conteudista impresso na organização da área de Botânica e de Zoologia, que tratavam das características dos grupos animais e vegetais apenas segundo suas variedades em si mesmas, são elementos a favor da tradição generalista. Enquanto que disciplinas de cunho experimental, como Bioquímica, Citologia, Genética, caracterizadas pela aplicação de habilidades relacionadas a medidas, escalas e experimentos de bancada, confirmam a presença da tradição especialista.

Em virtude desta relação tensionada entre distintas tradições, o movimento de modernização das Ciências Biológicas não se efetivou integralmente na mudança de denominação do curso da UFSM. Aspectos da modernização foram instaurados e tornam-se bem visíveis na trajetória do curso, como a introdução das disciplinas de Ecologia, Evolução, e com o fortalecimento da Anatomia, Fisiologia, Química e Física, assim como pela substituição da disciplina de Complementos de Física pela de Bio-Estatística. Entretanto, a estabilidade da Botânica e da Zoologia em termos de conteúdo, e a estabilidade dos tipos de aulas práticas (com fins de descrição e classificação, por exemplo) sinalizam certa resistência a este movimento.

Em suma, pode-se realçar que, assim como em estudos sobre a construção da disciplina escolar Biologia (MARANDINO, SELLES e FERREIRA, 2009, CASSAB, 2011), a retórica de unificação das Ciências Biológicas não só atravessa o currículo no ensino superior, mas se fortalece através dele. Os resultados também evidenciam que a atuação de forças sociais de natureza científica, político-econômica, institucional e biográfica na arena curricular intensifica a própria discrepância de opiniões no meio científico com relação à retórica de unificação. Embora o movimento de síntese evolutiva e o avanço das pesquisas biomoleculares tenham contribuído para consolidar o lugar das Ciências Biológicas, enquanto ciência moderna, a análise de como isso se processa no caso do curso de Ciências Biológicas/UFSM fornece elementos para pensar quanto esse processo não resultou em uma ciência perfeitamente unificada (SELLES e FERREIRA, 2005, FERREIRA e SELLES, 2008).

Agradecimentos

Agradecemos à CAPES e ao CNPQ pelo apoio concedido.

Referências

- BOTO, Carlota. Nova História e seus velhos dilemas. **Revista da USP**. Dossiê Nova História, n.23, set-nov/1994, p.23-33.
- BRASIL. Lei n.3.958, de 13 de setembro de 1961. **Incorpora à Universidade do Paraná a Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná e dá outras providências**. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=113515&tipoDocumento=LEI&tipoTexto=PUB>>. Acesso em: 24 de novembro de 2011.
- BURKE, Peter. Abertura: A nova História, seu passado e seu presente. In: BURKE, P. (org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p.7-37.
- CASSAB, Mariana. **A emergência da disciplina biologia escolar (1961-1981): renovação e tradição**. 240f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.
- CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Parecer n.292, de 14 de novembro de 1962. Matérias pedagógicas para a licenciatura. **Documenta**. Brasília, n.10, p.95-101, dez./1962.
- CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Parecer n.315, de 14 de novembro de 1962. Currículo mínimo do curso de História Natural. **Documenta**. Brasília, n.10, p.75-76, dez./1962.
- CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Parecer n.107, de 4 de fevereiro de 1970. Currículos mínimos do curso de História Natural e de Ciências Biológicas. **Documenta**. Brasília, n.111, p.173-179, fev./1970.
- FERREIRA, Marcia. **A história da disciplina escolar Ciências no Colégio Pedro II (1960-1980)**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: CFCH/UFRJ, 2005.
- FERREIRA, Marcia; SELLES, Sandra. Entrelaçamentos históricos das Ciências Biológicas com a disciplina escolar Biologia: investigando a versão azul do BSCS. In: PEREIRA, M.G.; AMORIM, A.C.R. (Org.). **Ensino de Biologia: fios e desafios na construção de saberes**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008, p. 37-61.
- GOODSON, Ivor. **A Construção Social do Currículo**. Lisboa: Educa, 1997.
- _____. **O currículo em mudança: Estudos na construção social do currículo**. Trad. Jorge Ávila de Lima. Porto: Porto Editora, 2001.
- LE GOFF, J. **A História Nova**. Trad. Eduardo Brandão. 4ed. SP: Martins Fontes, 1998.
- MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Lucia; FERREIRA, Marcia Serra. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez, 2009.
- POPKEWITZ, Thomas. Uma Sociologia Política da Reforma Educativa: Poder, Conhecimento e Escola. In: _____. **Reforma Educacional: uma política sociológica – poder e conhecimento em educação**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 21-51.
- SELLES, Sandra; FERREIRA, Marcia. Disciplina escolar Biologia: entre a retórica unificadora e as questões sociais. In: MARANDINO, M. [et.al.]. **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa**. Niterói: Eduff, 2005, p.50-62.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Catálogo Geral da UFSM com grades curriculares dos cursos de graduação**. Santa Maria. Imprensa Universitária: 1974.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Catálogo Geral da UFSM com grades curriculares dos cursos de graduação**. Santa Maria. Imprensa Universitária: 1978.
- WORTMANN, Maria Lucia. Do curso de Ciências Naturais da Universidade de Porto Alegre ao atual Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: examinando a trajetória de um currículo universitário. **Episteme**. v.1, n.2, p.79-103, 1996.